



FEIRA DE CIÊNCIAS, CULTURA E ARTE MARCA FIM DO ANO NA ZONA RURAL DE RIO PARDO DE MINAS



Escola Estadual Norberto de Almeida Rocha conta com a colaboração dos residentes da LEC/UFVJM e UFMG para variadas atividades pedagógicas. 2018. Emanuela Miranda.

COM APOIO DE DUAS UNIVERSIDADES FEDERAIS, UFVJM E UFMG, EVENTO OCORREU NA ESCOLA ESTADUAL NORBERTO DE ALMEIDA ROCHA, LOCALIZADA NA COMUNIDADE APÓSTOLO SIMÃO.

Por Emanuela Miranda

No dia 30 de Novembro de 2018, a Escola Estadual Norberto de Almeida Rocha - localizada na comunidade Apóstolo Simão, município de Rio Pardo de Minas/MG - promoveu a tradicional "Feira de ciências, cultura e arte", aberta para toda comunidade escolar e região. Neste evento teve apresentações de teatro, artesanatos (feitos por alunos dessa escola), tapetes, quitandas, músicas ao vivo, e artigos de áreas da Biologia, Química e Física. Todos esses elementos entusiasmaram o público campesino e não campesino ali presente. Diversas barraquinhas foram expostas para comportar os mais variados produtos advindos de comunidades campesinas localizadas nas redondezas da unidade escolar.

A escola contou com a colaboração de licenciandos em Educação do Campo da UFVJM e da UFMG, igualmente vinculados ao Programa Residência Pedagógica (RP). Segundo o site da CAPES (BRASIL, 2018), o programa RP tem como objetivo auxiliar na formação dos estudan-

tes de licenciaturas, inserindo os mesmos nas escolas de educação básica. Em Rio Pardo de Minas, parte das atividades dos participantes do programa consistiu em colaborar ativamente na construção da feira.

Com intuito de integrar as duas universidades ativas no RP na escola, os residentes optaram conjuntamente por exibir uma maquete, a partir da qual apresentariam diversos aspectos das comunidades a que pertencem muitos dos estudantes. A construção da maquete tomou por base dois mapas cartográficos anteriormente produzidos por residentes da LEC/UFVJM: um mostrando a estrutura da escola; outro, a localização da escola e das comunidades de onde vem os estudantes. O produto final foi construído com o intuito de apresentar de forma detalhada à comunidade escolar as localidades e outros aspectos de identificação do território.

A atividade, embora organizada pelos universitários, envolveu ativamente boa parte da comuni-

dade. Em especial, nos mapas elaborados, contou-se com a participação de alunos da escola e motoristas da linha dos ônibus escolares. A atividade possibilitou sistematizar alguns dados e aspectos relativos ao modo de vida das pessoas e outras informações sobre as localidades atendidas pela escola. +++

UNIVERSIDADE FEDERAL PARA ESTUDANTES DO CAMPO: QUEBRANDO BARREIRAS E ABRINDO CAMINHOS PARA UM DIPLOMA

Por Tatiane Rodrigues

O ensino superior sempre foi o objetivo de muitos estudantes que, ao terminar o ensino médio, sonhavam conseguir exercer uma profissão. Atualmente, os dois processos seletivos mais comuns para a entrada em uma universidade federal é o vestibular e o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Em ambos os métodos avaliativos, os estudantes têm a oportunidade de demonstrar seus conhecimentos acerca de determinados assuntos e, assim, conseguir a tão almejada vaga para o ensino superior.

Cartaz da campanha do vestibular LEC. UFVJM 2019.

Nessa disputa por vaga, muitos estudantes oriundos da escola privada, não raro, podem ter um melhor suporte para conseguir fazer essas avaliações, dadas as realidades assimétricas e inconstantes da rede pública. Essa situação não

diz respeito a uma capacidade individual do estudante, mas, muitas vezes, é uma questão de desigualdade de oportunidades.

Essa situação chama ainda mais a atenção quando pensamos na relação dos estudantes do campo com as universidades. Quando um estudante alcança a vaga desejada em uma universidade distante, pode ser desafiador enfrentar o ambiente, as pessoas e a cultura do local de estudo, o qual pode ser muito diferente do habitual para o indivíduo. Isso, sem contar as exigências financeiras, como alimentação e moradia. Na vida do estudante que vem de comunidades camponesas, esse dilema sempre esteve presente, pois a universidade pública não chegava, presencialmente, às comunidades rurais.

Como uma resposta a essa situação, foi desenvolvido um processo de formação de ensino superior que visa à articulação entre o meio acadêmico e a realidade social/cultural do estudante, o que é possibilitado pelo chamado regime de alternância. Essa prática, que envolve a oportunidade de o estudante ficar um período na cidade sede da universidade e outro período em sua própria comunidade, é ainda pouco utilizada no ensino superior, mas já vem particularizando e possibilitando as Licenciaturas em Educação do Campo pelo país.

Um dos cursos que possui essa proposta é a LEC-UFVJM, cuja sede é em Diamantina-MG. O curso forma professores certificados nas áreas de Linguagens e Códigos - habilitando os graduados a atuarem nas áreas de português e inglês - e também Ciências da Natureza - que habilita o profissional para atuar nas disciplinas de química, física e biologia. Uma proposta como essa, além de viabilizar uma forma alternativa de acesso e permanência na universidade, pode fazer com que o educando consiga estabelecer relações entre o que foi ensinado a ele no meio acadêmico e o meio social em que está inserido.

A lógica dessa articulação é tentar promover transformações e benefícios a todos os envolvidos. Com certos conhecimentos acadêmicos, o estudante tem mais oportunidades de fomentar melhorias para a sua localidade. Em contrapartida, os moradores, ao se envolverem no processo de ensino, passam a contribuir com conhecimentos próprios no processo formativo do sujeito e na realização das atividades acadêmicas. Também vale destacar que o próprio estudante, muitas vezes, passa a servir de inspiração a outros moradores, que muitas vezes passam a ver com mais nitidez um caminho para o sonho de conseguir alcançar o ensino superior.+++

Quer saber mais sobre o processo seletivo da LEC-UFVJM? Acesse o link: <http://www.ufvjm.edu.br/copese/>

CAPIVARI, SUAS ATRAÇÕES TURÍSTICAS E SEUS FESTEJOS

Localizada no município do Serro-MG, conhecida por seus atrativos naturais, possui particularidades como o 'Teatro Cantado', apresentado por moradores.

Por Eni E. Marques Ribeiro

Fundada por famílias de escravos liberados, a comunidade de Capivari está localizada no Alto Jequitinhonha, aos pés do Pico do Itambé e a 27 km da sede do município de Serro, do qual faz parte, no estado de Minas Gerais. Tem aproximadamente 123 famílias e em torno de 490 habitantes. No tempo em que o município do Serro era o centro social da região e se chamava Ivituruy e a vizinha Diamantina, hoje conhecida como um polo local importante, ainda se chamava Arraial do Tijuco, havia na região as presenças de Dona Carlota e Dona Francisca Aguiar (dona Chiquinha). Ambas foram fazendeiras muito poderosas, donas de muitas terras e escravos.

Com a abolição da escravatura, em 1888, deixaram propriedades e bens para o sustento das comunidades de escravos liberados, que naquela época se dedicaram a cultivar a roça e ao garimpo.

Capivari é muito conhecida pelos seus atrativos naturais: como a vista do Pico do Itambé, a Cachoeira do Tempo Perdido, a Cachoeira dos Coqueiros, a Cachoeira do Amaral, a Cachoeira das três Marias.

Na arquitetura, destaca-se a antiga Capelinha de Bom Jesus, um dos cartões postais de Capivari, que foi fundada em 1808, bem antes da comunidade ser constituída e foi só mais tarde ampliada e reformada.

Chama também a atenção o calendário de celebrações religiosas da comunidade. Uma das mais conhecidas é a festa de Nossa Senhora de Aparecida e Senhor de Boa Vida, celebrada em outubro.

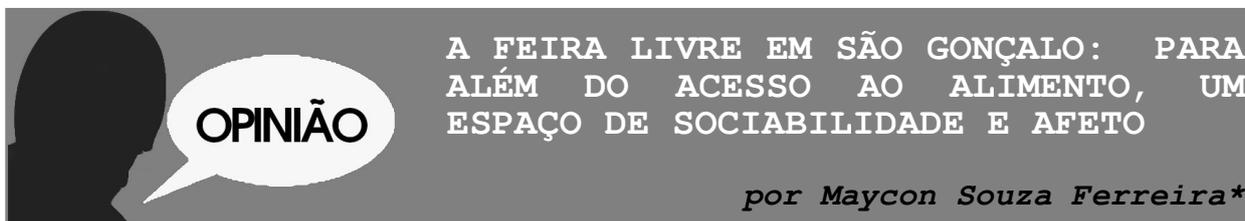
A peculiaridade desta festividade é a simulação da saída da imagem da Nossa Senhora das Águas, feita no Córrego Rico. Esta festividade ficou por um tempo esquecida e agora está sendo recuperada. Outros eventos importantes são as festas de Sto. Antônio e São João em junho.

Outro atrativo famoso da comunidade é o Teatro Cantado de Capivari. Criado por Maria Pinto com a intenção de arrecadar dinheiro para construir a igreja de São Geraldo, há mais de 60 anos, foi retomado em 1998, com a chegada do turismo, completando 21 anos agora em 2019. Com o novo nome de 'Quatro Gerações', a peça teatral cantada faz alusão às origens de Capivari, quatro gerações atrás, e apresenta aspectos da comunidade.



Vista da chegada de Capivari. Marcus Pavani. 2018.

Para conhecer mais sobre a comunidade, você pode visitar diretamente o local e caminhar pelas trilhas ornamentadas por orquídeas e sempre-vivas; refrescar-se nas mais lindas cachoeiras de toda a região; assistir ao nascer do sol no Pico do Itambé e o pôr do sol na Serra do Raio; assistir à peça de Teatro Cantado; conhecer as celebrações locais, os pratos mineiros no fogão a lenha, o queijo artesanal, o café torrado em casa, e sobretudo, ser recebido pelas pessoas humildes e acolhedoras que moram em Capivari. +++



Em São Gonçalo do Rio das Pedras, região do Serro-MG, é realizada quinzenalmente a atividade de feira livre denominada carinhosamente de ‘A Feira de Todos Nós’. Trata-se de um espaço de sociabilidade onde se trocam saberes e que passou a fazer parte do cotidiano da comunidade. Quem conhece a feira de São Gonçalo consegue notar que ela fortalece as relações e os vínculos entre as pessoas (agricultores familiares, artesãos, consumidores, entre outros), bem como a socialização dos sujeitos envolvidos nesse processo. A geografia das disposições entre as barracas na feira livre permite que sejam realizadas trocas de saberes entre os próprios produtores e, até mesmo, entre produtores e consumidores. Os próprios consumidores realizam ali várias trocas de receitas e modos de preparos dos produtos comercializados nas barracas. Sendo assim, mesmo não sendo uma atividade ligada a atividades formais de escolarização, o fortalecimento de um processo de educação popular e educação no campo se faz ainda mais presente na comunidade a partir dessas experiências vivenciadas no ambiente da feira livre.

A feira livre se encaixa no que Milton Santos caracteriza de ‘circuito inferior da economia’, dentro do qual se parte de tecnologias e de saberes e fazeres do povo. Dentro dessa lógica, a feira, assim, é realizada pelas mãos dos próprios produtores, sem o auxílio de maquinários, como é o caso da Feira de Todos Nós. Atendendo principalmente ao público local e turistas que frequentam a região, essa feira vem garantindo, inclusive, uma forma de economia alternativa para os sujeitos envolvidos.

São Gonçalo está passando por um processo de hibridação em seus aspectos sociais e culturais. Por conta de sua história, famílias que moram há muito tempo na região convivem com muitas pessoas que vieram de outros lugares para se estabelecerem por ali. Assim, aparecem situações inusitadas entre as pessoas do lugar e os classificados como ‘de fora’. Tal processo cria mudanças em alguns costumes da comunidade no dia a dia. Por mais que os sujeitos inseridos nessa dinâmica não estejam necessariamente abandonando seus modos de vida, a feira possibilita que seus saberes e práticas sejam constantemente atualizados a partir de vivências nesse espaço de convívio onde também se faz a vida.

Estou seguro em dizer que a Feira de Todos Nós, no distrito de São Gonçalo do Rio das Pedras, através da simpatia, do carisma, da honestidade e das habilidades que possuem os participantes, irá proporcionar cada vez mais uma construção de laços sociais, sendo um espaço de sociabilidade onde não se trocam apenas artesanatos e alimentos, mas também conhecimentos, simbolismos, memórias e afetos. Além de todas essas virtudes, as cores, os sons e os cheiros ali presentes aguçam o lado fraterno dos sujeitos que – de uma forma ou de outra – contribuem para que a feira seja uma experiência fecunda e farta. Tudo isso possibilita que os frutos possam ser colhidos pelos produtores e comerciantes, estendendo essa experiência às diversas pessoas que visitam e visitarão a feira. A partir dessa experiência concreta de São Gonçalo do Rio das Pedras e, tendo em mente as feiras livres como espaços de manifestações culturais, sociais e de importância para o debate político entre os sujeitos envolvidos, fica nítido o quanto se fazem necessárias políticas públicas que considerem a relevância da feira para a economia popular e solidária.

Referências

BRAUDEL, Fernand. O jogo das trocas. Civilização material, economia e capitalismo: século XV-XVIII. São Paulo, Martins Fontes, 1996.
SANTOS, Milton. O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.

* Maycon de Souza Ferreira é morador de Milho Verde (MG). Formado em Licenciatura Plena em Geografia (UNILESTE) e mestrando em Estudos Rurais (UFVJM). Atualmente trabalha como professor de geografia no CESEC-Serro.



Escola Estadual de Padre João Afonso. Maurício Teixeira. 2019.

EDUCAÇÃO DO CAMPO E OS DESAFIOS DE UMA ESCOLA EM TRANSIÇÃO

De escola urbana, instituição na comunidade de Padre João Afonso, Itamarandiba-MG, passará legalmente a ser considerada escola do campo.

por Elisama Ferreira, Eliude Ferreira, Hemerenciana Silva, Miréia Sena, Renato Teixeira

No dia 17 de dezembro de 2018, bolsistas do Programa Institucional de Iniciação à Docência (PIBID) e estudantes da Licenciatura em Educação do Campo (LEC-UFVJM) entrevistaram o diretor da Escola Estadual Padre João Afonso, Cristiano Afonso Fernandes Teixeira, e também a supervisora Kátia Cunha. A escola, localizada na comunidade de Padre João Afonso, Itamarandiba-MG, está em processo de transição classificatória de escola urbana para escola do campo. Isso ocorre a partir do cumprimento da Resolução SEE/2820/2015, que define as diretrizes para funcionamento das escolas do campo, envolvendo questões como formação de professores, transporte de estudantes e calendário, entre outros. Questionado sobre desafios encontrados para colocar em prática algumas das mudanças em curso, Cristiano afirma: “o principal desafio é romper com os paradigmas e tentar pelo menos adequar o calendário a nossa realidade, que a gente não consegue.” Segundo Cristiano, o principal motivo pelo qual a escola luta para se tornar uma escola do campo é “a qualidade de ensino para nossos alunos, porque nós temos que entender que a formação do aluno do campo deve ser diferenciada. Tem que levar todas as especificidades do campo com relação ao ensino, às dificuldades que nós temos”.

Para a supervisor a Katia Cunha, “a mudança

dessa escola, de escola urbana para escola do campo, influenciou no desenvolvimento dos alunos, porque antes eles não se sentiam parte da escola. Eles passaram a ter um sentimento de pertencimento maior e de valorização e valoração. Há ainda certa dificuldade, principalmente em relação ao período chuvoso, quando a maioria dos alunos não vão às aulas e ficam prejudicados.”

“dos repasses destinados exclusivamente às escolas do campo, até hoje não recebemos nenhum, porque estamos esbarrando na burocracia que o próprio governo coloca”,
Cristiano A. F. Teixeira, diretor da E.E. Padre João Afonso

Cristiano afirma que até o momento a escola não recebeu nenhum benefício desde que entrou nesse processo de transição. “Infelizmente, porque as leis vêm prevendo diversos benefícios para o aluno do campo. Dentre eles, a melhoria na qualidade da merenda. Dos repasses destinados exclusivamente às escolas do campo, até hoje não recebemos nenhum, porque estamos esbarrando na burocracia que o próprio governo coloca.” Também aponta que os governantes, tanto em nível federal, estadual e municipal, não legitimam os direitos previstos na Resolução SEE/2820/2015, por isso tantos empecilhos que dificultam o acesso concreto ao que a escola, em tese, deveria ter. E finaliza lembrando que ‘a Educação do Campo é um direito, não uma esmola’, para ressaltar que os sujeitos do campo têm que buscar conquistar esse direito a cada dia.
+++

AUTOGESTÃO DE LICENCIANDOS DO CAMPO MARCA DESLOCAMENTO ATÉ A UNIVERSIDADE

Graduandos da Licenciatura em Educação do Campo da UFVJM dos mais diversos locais de Minas Gerais se organizam com antecedência para terem suas aulas em Diamantina.

por Mateus F. Oliveira, Sandra Silva

Assim como ocorre com outros núcleos de estudantes da LEC-UFVM, os jovens de Ouro Verde de Minas-MG se organizam em processo de autogestão para conseguirem transporte e chegarem à universidade em Diamantina-MG. A ida dos estudantes ocorre semestralmente por razão do Tempo Universidade, uma etapa prevista no calendário do curso, que é em regime de alternância. O deslocamento desses estudantes se dá de forma independente tanto da universidade quanto dos demais graduandos do curso e demanda certa capacidade de mobilização. No caso do grupo que se reúne no Vale do Mucuri, há um trajeto de cerca de 600 quilômetros a ser percorrido do Núcleo de Alternância – nome dado a cada cidade sede das atividades do Tempo Comunidade da LEC_UFVJM – até Diamantina-MG

Assim, preparar-se para o primeiro dia de aula de cada semestre é algo que, para esses universitários, começa muito antes do que em cursos com calendário tradicional. Para a última viagem de ida feita pelos licenciandos, no dia 06 de janeiro de 2019, por exemplo, o frete do ônibus foi feito antecipadamente com uma empresa de Diamantina depois de os estudantes concluírem ser a melhor opção de valor para aquele momento.

Além disso, outros fatores costumam ser considerados na contratação da empresa de transporte: se o veículo está em boas condições e se atende às especificidades dos alunos, que, pelo fato de ficarem cerca de 45 dias fora de casa, carregam uma grande quantidade de bagagens. Afinal, essa é uma estratégia também para reduzir despesas com compras na cidade de Diamantina, já que os licenciandos, por estarem fora de suas casas, já arcam com gastos, que não são poucos, durante o Tempo Universidade. Vale destacar que nem todo estudante possui alguma bolsa estudantil como forma de auxílio. Vinicius Lima, um dos graduandos que tem se encarregado de contratar as empresas que vão atendê-los, diz que as conversas sobre o processo de fechamento de contrato acontecem todas por meio do *WhatsApp*. Isso mostra que as novas tecnologias facilitam muito na comunicação e organização do Núcleo de Alternância, pois viabilizam a comunicação de forma mais rápida e prática. É interessante ressaltar, ainda, que essa mobilização dos universitários também contribui para a sua formação. De acordo com o estudante Manoel Macedo Martins “a organização não é fácil, mas realmente colabora na interação e na convivência em grupo, pois ser universitário requer responsabilidades e praticidade na autogestão”.

Outro aspecto interessante é que como é uma viagem de longo percurso, aproximadamente 10 horas, os viajantes – que, muitas vezes, são de períodos letivos diferentes – aproveitam para interagir entre si. Isso de certa forma beneficia os calouros, pois eles já começam a se inteirar do funcionamento do curso desde os primeiros contatos com os colegas na viagem. Por meio da troca de experiências com os veteranos, eles passam a ter uma noção de como será sua jornada durante os próximos quatro anos+++.



Partida dos jovens rumo a Diamantina-MG. Mateus Felipe Oliveira. 2018.



“ÁGUA VIVA... INHÃ”!

HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DE UMA COMUNIDADE DO CAMPO

*Por Ana Marina de Paula
Helder de Moraes Pinto*

Você sabia que exercícios de história da educação nos permitem saborear curiosidades da “vida roceira” de Diamantina-MG? E que existe aí nesta vida, por exemplo, um lugarejo com diversas particularidades no que diz respeito aos conhecimentos tradicionais? Já ouviu falar da terrinha que ninguém quer ir, mas quando vai não quer sair? Se sim, com certeza você sabe do que eu estou falando do INHAÍ!

O Arraia de Sant'Ana foi a distrito em 1853, pela lei nº654, e a freguesia pela lei n.3151 de 1883. Foi um dos primeiros núcleos decorrentes das descobertas de diamantes; informações referentes ao povoado constam no mapa de demarcação do município de Diamantina levantado em 1750. Inhaí soma as Maria Nunes, Boa Vista, Quebra Pé e o Quilombo de Vargem do Inhaí; comunidade esta de povo simples, e a simplicidade uma riqueza dos modos de ali viver. Um modo de viver ligado à extração da “sempre-viva”, ao “garimpo artesanal” de “pedras preciosas” e ao cultivo ancestral da “mandioca”.

Os antigos relatam que “nem sempre tudo foram flores” nas beiras destas águas de Inhaí. Que, por exemplo, o primeiro espaço para escolarizar as crianças era conhecido como “Grande Largo”, um espaço aberto sob as galhas de grande eucalipto onde se fez uma das primeiras salas de aula. Com o tempo, além do Largo, outros espaços utilizados na comunidade para escolarizar as crianças foram os “porões” das casas das próprias professoras.

“o primeiro espaço para escolarizar as crianças era conhecido como ‘Grande Largo’, um espaço aberto sob as galhas de grande eucalipto onde se fez uma das primeiras salas de aula”

Isso diz muito dos investimentos em escolarização nesta comunidade.

Hoje, porém, a comunidade conta com uma infraestrutura escolar diferenciada, a Escola Estadual João César de Oliveira, que fornece às crianças da região além de algumas ferramentas que auxiliam no processo de alfabetização. Além das atividades que articulam a participação ativa da comunidade escolar nas tarefas educativas; um exemplo disso é o Projeto “Escola Aberta” que seleciona oficineiros da comunidade para desenvolver situações de aprendizagem a partir de conhecimentos característicos da comunidade, como artes, artesanatos, esportes, dança e práticas agroecológicas, entre outras. O projeto “Música para aprender divertir e conviver”, iniciativa da professora “Lucia Maria de Oliveira” que tem como objetivo usar a “musicalidade” de diversas maneiras, e co isso tornar mais prazeroso os processos de aprendizagem crianças em diferentes conhecimentos escolares. Por meio de músicas, defende a professora, as crianças aprendem alfabeto, a tabuada além de vários outros conteúdos.

O projeto “Eu, Você e a Escola, Educação que Transforma”, uma iniciativa da Escola tendo como parceira a sociedade civil organizada, bem como o projeto “Caminhando Juntos” (Procaj), trabalharam no fortalecimento das famílias com vistas a garantir o desenvolvimento integral de adolescentes e jovens da comunidade. Tal ação, vale dizer, foi vencedora 11ª edição do Prêmio Itaú-UNICEF – uma iniciativa da Fundação Itaú Social e do Fundo das Nações Unidas para a Infância, com coordenação técnica do Centro

de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária (Cenpec).

Conclui-se que a parceria escola-e-comunidade traz, a partir das interações realizadas, inúmeros benefícios não somente para o processo de escolarização das novas gerações, já que é relevante para a reconstrução da história da comunidade.

Imagino que você não sabia que a fome da “vida roceira” de Inhaí de escolarização alimentar-se-ia... +++

FIQUE POR DENTRO

OLHARES DO CAMPO é um laboratório de comunicação comunitária vinculado à Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM – por meio de aprovação no edital PROAE 10/2018. O projeto visa à produção de textos jornalísticos por e para comunidades campestres. Você também pode colaborar! Quer saber como apoiar? Entre em contato pelo endereço eletrônico:

olharesdocampo@gmail.com

Saiba mais sobre a
Universidade Federal dos Vales
do Jequitinhonha e Mucuri em
ufvjm.edu.br

Prograd
Pró-reitoria
de Graduação



=====

BOLETIM OLHARES DO CAMPO
3ª EDIÇÃO – FEVEREIRO – 2019

Edição Geral: Luiz Henrique Magnani e Mateus Felipe Oliveira

Edição da Seção ‘No Campo das Ciências’: Diogo Neves Pereira

Revisão: Carlos Henrique S. Castro, Geison B. Silva, José Cláudio L. Nobre, Luiz Henrique Magnani

Assessoria e Comunicação: Maurício T. Mendes, Tatiane Mendes, Tatiane Rodrigues

=====



www.facebook.com/olharesdocampo